

A INFLUÊNCIA DO BULLYING NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS¹

NALIANE DE OLIVEIRA AMARO

Acadêmica do Curso de Licenciatura de Pedagogia do Centro de Educação – CED/Universidade Estadual do Ceará – UECE. Curso de Pedagogia do Centro de Educação/ CED – Universidade Estadual do Ceará – UECE. E-mail: nalyane.oliver@gmail.com

LIA MACHADO FIUZA FIALHO

Professora adjunta da Universidade Estadual do Ceará – UECE. E-mail: lia_fialho@yahoo.com.br

Introdução

Este trabalho tem como objeto compreender a influência do bullying no processo de alfabetização de crianças. O interesse pela temática justifica-se pela curiosidade pessoal no tocante às consequências que o bullying pode provocar no processo de aprendizagem da criança, pois são constantes as formas de bullying noticiadas pela mídia e presenciadas na minha práxis educativa enquanto professora. Preocupa-me também a formação deficitária de professores e das famílias para intervir e reverter possíveis danos no âmbito psicológico e social.

Cabe à sociedade transmitir às novas gerações valores educacionais que possam pautar o desenvolvimento infantil saudável com formação cidadã ética e responsável baseados no respeito às diferenças. O bullying, enquanto uma violência pode causar grandes danos no processo de aprendizagem da criança, ele não deve passar despercebido por se caracterizar como uma vivência negativa gerando consequências na criança agredida acarretando prejuízos para sua vida.

O escopo, no entanto, é investigar quais consequências o bullying pode causar no processo de aprendizagem da criança vítima. De forma mais específica, possibilitar maior compreensão e esclarecimento sobre o fenômeno bullying, ressaltando a impor-

¹ Artigo produzido na disciplina História e Geografia II, como pré-requisito no semestre 2013.1.

tância da identificação precoce para possíveis ações de combate e prevenção do bullying.

O procedimento metodológico utilizado foi uma pesquisa bibliográfica em artigos científicos indexados a base de dados do Scielo datados de 2003 a 2013. A produção da última década analisada e correlacionada visando propiciar uma base teórica conceitual acerca da temática em foco. Acrescentamos a utilização do livro *Bullying: mentes perigosas nas escolas*, da Ana Beatriz B. Silva, para fundamentar a discussão.

Combater o bullying exige da sociedade uma atenção diária. Estudar as crianças vítimas deste fenômeno, haja vista, que nem sempre estas expressam a angústia da violência vivenciada exige dos profissionais da educação compromisso, ética, responsabilidade, conhecimento e sensibilidade para atuar de maneira eficaz no combate a essas práticas.

Metodologia

A pesquisa iniciou-se com a pesquisa na Plataforma do Scielo buscando artigos relacionados à temática desse estudo. Utilizando-se do descritivo “bullying” foram encontrados 56 artigos, nós constatamos o número bem expressivo. A busca foi refinada com o descritivo “crianças” como resultados encontramos 04 artigos, a saber: *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*, (LOPES NETO, 2005); *Estudantes em situação de risco e prevenção*, (CALIMAN, 2006); *Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção*, (MENDES, 2011) e *Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros* (BANDEIRA e HUTZ, 2012).

Nessa perspectiva analisamos os 04 artigos individualmente e, em seguida, abordamos os pontos congruentes e divergentes entre eles. Utilizou-se ainda o livro “Bullying: mentes perigosas nas escolas”, (SILVA, 2010), como um apoio aos artigos para uma melhor discussão.

Desenvolvimento

A escola se constitui como um ambiente de convivência e aprendizagem entre as crianças. Proporciona a relação interpessoal e o desenvolvimento de relações para além da família. Nesse mesmo contexto escolar, uma forma de violência bastante presente nas salas de aulas vem trazendo consequências graves para as crianças envolvidas.

O bullying é um fenômeno universal muito comum no cenário escolar. Contudo, o assunto no Brasil é ainda pouco discutido e conhecido pela sociedade. Esse tipo de violência não é exclusivamente do ambiente escolar é atualmente definido como um problema de saúde pública. O bullying, segundo Silva:

[...] corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um bully (agressor) contra uma ou mais vítima que se encontram impossibilitadas de se defender. Seja por uma questão circunstancial ou por uma desigualdade subjetiva de poder, por trás dessas ações sempre há um bully que domina a maioria dos alunos de uma turma e “proíbe” qualquer atitude solidária em relação ao agredido. (SILVA, 2010, p. 21).

Compreendendo ainda o conceito de bullying, conforme Mendes:

O bullying é o tipo de violência escolar mais frequente entre estudantes e compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que acontecem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. (MENDES, 2011, p. 582).

Essas atitudes de violência física, verbal, relacional e até eletrônica acontecem com frequência entre estudantes nas escolas sendo muitas vezes negligenciadas pelos profissionais ou tradicio-

nalmente admitidas como comportamentos naturais sem ganhar atenção merecida por professores e pais.

As formas praticadas de bullying são várias entre as crianças e os adolescentes: insultar, ofender, xingar, apelidar, bater, chutar, espancar, ferir, empurrar, irritar, humilhar, ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar, discriminar, ameaçar, chantagear, dominar, tiranizar, perseguir, difamar, violentar, entre outras. Essas atitudes negativas podem ser classificadas em formas diretas ou indiretas de praticar o bullying. De acordo com Lopes Neto:

O bullying é classificado como direto, quando as vítimas são atacadas diretamente, ou indiretamente, quando estão ausentes. São considerados bullying direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar aos alvos. São atos utilizados com uma frequência quatro vezes maior entre os meninos. O bullying indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas. (LOPES NETO, 2005, p. 166).

Nas salas de aulas essas atitudes tendem a se repetir com frequência. Crianças que antes se socializavam com todos participavam e apresentavam boa frequência e desempenho em todas as atividades passa a ter a fobia escolar, se negando a frequentar a escola e apresentando problemas de aprendizagem e interação com a turma.

Nessa perspectiva inicia-se a análise dos quatro artigos selecionados um a um, após leitura investigativa, visando contribuir para um debate reflexivo acerca da violência escolar, tendo como foco o bullying.

Lopes Neto (2005) em sua pesquisa intitulada “Bullying: comportamento agressivo entre estudantes” apresentou como objetivo alertar os pediatras para os altos índices de prática de bullying entre os estudantes, conscientizando-os para a importância de sua atuação na prevenção, no diagnóstico e no tratamento para os pos-

síveis danos a saúde e o desenvolvimento da criança, pois o bullying é tratado atualmente como um problema de saúde pública.

O autor aponta como fatores de risco para a manifestação do bullying os fatores econômicos, sociais, culturais, os aspectos inatos de temperamento e as influências familiares. Fatores esses que devem ser sempre investigados e abordados.

O papel do pediatra é “identificar os pacientes de risco, aconselhar as famílias, rastrear possíveis alterações psiquiátricas e incentivar a implantação de programas anti-bullying nas escolas”. (LOPES NETO, 2005, p. 168).

Cabe a esse profissional buscar informações sobre o processo de desenvolvimento no ambiente escolar observando sua capacidade de aprender, o desenvolvimento de habilidades e o convívio com os alunos e os demais profissionais. Segundo Lopes Neto:

As instituições de saúde e educação, assim como seus profissionais, devem reconhecer a extensão e o impacto gerado pela prática de bullying entre estudantes e desenvolver medidas para reduzi-la rapidamente. Aos profissionais de saúde, particularmente aos pediatras, é recomendável que sejam competentes para prevenir, investigar, diagnosticar e adotar as condutas adequadas diante de situações de violências que envolvam crianças e adolescentes, tanto na figura de autor, como na de alvo ou testemunha. (LOPES NETO, 2005, p. 170).

Como um problema de saúde pública, o autor “chama” a responsabilidade de todos (pediatras, professores, familiares e demais profissionais), para analisar a extensão das consequências dessa prática de violência e intervir entre os estudantes.

Caliman (2006) em sua pesquisa intitulada “Estudantes em situação de risco e prevenção”, aborda as reformas da escola, os riscos sociais, os direitos da infância, as exclusões e as responsabilidades sociais. Com o objetivo de ponderar as necessidades e direitos de estudantes em situação de desvantagem e risco social.

O artigo aborda a evolução dos direitos da criança e do adolescente como progresso social, cultural, jurídico e político no reconhecimento da criança como pessoa sujeito de direitos e cidadã.

Muitas das crianças e adolescentes que frequentam nossas escolas são constantemente excluídas e, marginalizadas, marcadas por fracassos, desvantagens e diferentes tipos de sofrimentos.

O autor demonstra alguns problemas que coloca o estudante em situação de risco: dificuldade no rendimento escolar, dificuldades ligadas às manifestações de hostilidade (bullying), dificuldade de adaptação ao próprio papel de estudante e dificuldades relativas à interação social. Muitos desses problemas “encontram suas origens fora da escola. Outros são criados e/ou reforçados dentro dela mesma”. (CALIMAN, 2006, p. 391).

O terceiro artigo de Mendes (2011) denominado “Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção”, teve como objetivo avaliar os resultados de um programa antiviolença escolar implementado em 307 estudantes dos 5º e 6º anos de uma escola pública de Lisboa. Além de ressaltar a importância do enfermeiro numa equipe multidisciplinar.

O estudo foi realizado através de um questionário com a coleta de dados de informações e conversas informais com estudantes e professores. Os questionários foram aplicados em sala de aula de forma anônima. Os estudantes tiveram a oportunidade de avaliar a si próprios em relação à violência na escola, no papel de vítimas, agressores e/ou testemunhas.

Através da pesquisa sentiu-se a necessidade de criar um Programa antiviolença escolar. Conforme Mendes:

[...] sugeriram-nos a necessidade de criar um programa de intervenção assente não apenas numa estratégia de envolvimento global da comunidade escolar, mas também, numa intervenção dirigida ao grupo turma e numa intervenção individual direcionada para as vítimas e agressores, tendo como base o treino das suas competências sociais. (MENDES, 2011, p. 584).

A construção e implementação do Programa antiviolença passaram pelas seguintes etapas: implicação do órgão diretivo da escola, formação de professores, implicação dos encarregados de educação/família, intervenção com as turmas e intervenção com estudantes agressores e/ou vítimas recorrentes.

O programa de intervenção apresentou resultados positivos “verificando-se uma redução estatisticamente significativa da generalidade destes comportamentos na fase pós-programa”, (MENDES, 2011, p. 587). Os resultados demonstraram que os estudantes participantes do programa melhoraram significativamente sua autoestima, autoconfiança, participação e respeito pelos colegas.

O estudo permitiu-se ainda constatar que a intervenção do enfermeiro numa equipe multidisciplinar tem fundamental importância. Segundo Mendes:

A relação privilegiada que estabelece com a criança/família/comunidade, permite ao enfermeiro ser um elemento chave na detecção precoce de situações que possam afetar negativamente a saúde da criança e a sua qualidade de vida, tal como acontece quando envolvido em situações de violência escolar. (MENDES, 2011, p. 588).

A presença de um enfermeiro e de uma equipe multidisciplinar na escola faz a diferença na construção de uma cultura de paz, amizade e companheirismo no ambiente escolar. Além de um suporte médico de auxílio a esses estudantes o projeto criou dentro da escola um espaço de atendimento aos alunos com comportamentos de agressão e/ou vitimização constantes.

Bandeira e Hutz no último artigo analisado, com o título: “Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros”, tiveram como objetivo levantar a ocorrência de bullying em crianças e adolescentes escolares de duas escolas públicas e uma privada da cidade de Porto Alegre. Foram investigados 465 estudantes usando como instrumento um questionário sobre o bullying.

A pesquisa aborda os diferentes papéis no cenário bullying: agressor, vítima, vítima/agressor e testemunhas. Os autores discutem a diferença de gênero (meninos e meninas) em relação ao bullying e o comportamento agressivo no âmbito escolar.

O estudo contou com a participação voluntária de alunos de 4º a 8º séries do ensino fundamental que foram informados dos objetivos da pesquisa e receberam antes da aplicação do questionário uma explicação do significado de bullying.

A pesquisa investigou a frequência e o percentual das seguintes categorias: os papéis do bullying por sexo, os possíveis motivos para a prática do bullying por sexo, tipo de bullying segundo agressores por sexo e o sentimento dos agressores por sexo.

Os resultados mostraram um elevado número de estudantes envolvidos em bullying e a diferença de gênero quanto ao fenômeno. De acordo com Bandeira e Hutz:

Foram encontradas diferenças no tipo de bullying utilizado, no sentimento e reação das vítimas e testemunhas, no sentimento dos agressores, no sexo dos agressores e nos possíveis motivos para a prática do bullying. Meninos e meninas expressam sua agressividade de diferentes formas. Meninas podem ser tão agressivas quanto meninos, entretanto a expressão da agressividade apresenta variações nos gêneros. (BANDEIRA, HUTZ, 2012, p. 42).

Os dados coletados mostram que os meninos apresentam maior probabilidade de envolvimento em bullying do que as meninas, mais isso não pode indicar que os meninos sejam mais agressivos que as meninas.

Os autores chamam a atenção para as estratégias anti-bullying e ações de prevenção contra o bullying com o apoio da comunidade escolar e ressaltar a importância do conhecimento acerca do fenômeno. Tornando-se necessário a tomada de consciência por parte da sociedade das graves consequências do bullying.

Analisando os pontos mais significativos dos artigos selecionados é notório que apenas três artigos abordam a violência escolar com foco no fenômeno bullying. Caliman (2006) diferentemente dos outros autores não aborda em sua pesquisa o bullying em si, mas analisa as necessidades de direitos dos estudantes em condições de desvantagem e risco social referindo se como uma das causas à desigualdade social sofrida que causa inúmeras dificuldades ao próprio papel de estudante.

Lopes Neto (2005), Mendes (2011), Bandeira e Hutz (2012) em suas pesquisas analisam o bullying no âmbito escolar. Os autores concordam quanto ao papel fundamental que a escola desempenha no desenvolvimento da criança para uma vida saudável e com melhor qualidade.

Lopes Neto (2005) em seu artigo chama a atenção para a importância do pediatra na prevenção, diagnóstico e tratamento que o bullying pode provocar na saúde e desenvolvimento da criança. Segundo Lopes Neto:

Os efeitos do bullying são raramente evidentes, sendo pouco provável que a criança ou adolescente procure o pediatra com a clara compreensão de ser ele autor ou alvo de bullying. No entanto, é possível identificar os pacientes de risco, aconselhar as famílias, rastrear possíveis alterações psiquiátricas e incentivar a implantação de programas anti-bullying nas escolas. (LOPES NETO, 2005, p. 168).

Enquanto que Mendes (2011) ressalta a importância do enfermeiro em uma equipe multidisciplinar:

Ao enfermeiro compete ajudar a pessoa a viver essa transição e promover o seu processo de reconstrução da autonomia. Assim, identificar sinais de risco, comportamentos e sinais exteriores que podem indicar que o indivíduo está em dificuldades, alertar as famílias para as consequências que a violência escolar tem na saúde e na qualidade de vida dos estudantes e orientá-las na sua intervenção, assim como, incentivar e colaborar com as escolas na implementação

de programas de intervenção e redução da violência, [...]. (MENDES, 2011, p.582).

Como um problema de saúde pública os autores citados a cima acreditam na prevenção da violência escolar através da implementação de programas de intervenção e da participação e envolvimento da família, dos professores e demais profissionais na redução do bullying entre estudantes.

Para que haja o sucesso das estratégias anti-bullying é necessário o comprometimento das escolas, das famílias e da sociedade. Conforme Bandeira e Hutz:

As ações de prevenção contra o bullying devem incluir em primeiro lugar o conhecimento, por parte de toda a comunidade escola, acerca do fenômeno. Devem ser instituídas políticas públicas que priorizem a redução e prevenção do bullying nas escolas de todo o país. É necessário investimento e treinamento de profissionais da área da educação para elaboração e execução de programas de prevenção ao bullying. Torna-se necessário a tomada de consciência das graves consequências desse fenômeno que merece a atenção de pesquisadores, professores e profissionais que atuam nas escolas, país e comunidade em geral. (BANDEIRA, HUTZ, 2012, p.43).

Ainda são poucas as pesquisas realizadas sobre o bullying e suas influências no desenvolvimento da criança no Brasil. É possível encontrar pessoas que não conhecem ou nunca ouviram falar em bullying e nas consequências desse fenômeno no desenvolvimento da criança. As posturas dos professores diante a essas práticas ainda deixam a desejar, por passar despercebidas aos olhos pouco atentos dos profissionais da educação.

Conclusão

É observável a preocupação com as consequências que o bullying pode provocar nas crianças vitimadas, porém essas con-

sequências não se restringem apenas as crianças vítimas, mas também aos agressores e aqueles que além de vítimas são também agressores e testemunhas. Essas consequências podem acarretar dificuldades no rendimento escolar, na socialização e convívio com outras pessoas. Por isso, se faz necessário que o professor observe, investigue o contexto e as relações sociais de cada criança, principalmente aquelas desenvolvidas na escola.

No processo de alfabetização encontram-se crianças apresentando dificuldades na leitura e na escrita, mas nem sempre estes entraves estão atrelados às dificuldades educacionais. Muitas crianças são alvos de bullying e/ou estão envolvidos com esta prática de violência.

É preciso que nós professores não fechemos os olhos para esse tipo de violência que causa tanto sofrimento nos envolvidos. Precisamos observar possíveis sinais como: isolamento, ansiedade, pânico, medo, tristeza, insegurança, agressividade, depressão, baixa autoestima, resistência em ir à escola, entre outros sinais que não é “comum” em uma criança que iniciou o ano motivado a aprender a ler e escrever.

Desde o início do ano letivo é necessário desenvolver intervenções como programas, palestras, projetos contra a violência escolar e dentro das próprias salas de aulas realizando rodas de conversas sobre o assunto e deixando claro que bullying não é brincadeira. Também sugerimos trabalhar regras de convivências negociadas visando combater a violência dentro e fora da sala de aula, estimulando atitudes de amizade e paz.

Combater o bullying, com efeito, exige da sociedade uma atenção diária. É fundamental que os profissionais da educação, da saúde, a família e a sociedade em geral se comprometam e se responsabilizem em intervir. Sugere-se elaborar ações preventivas para o combate ao bullying e suas consequências no desenvolvimento da criança para possibilitar uma vida mais saudável e de qualidade.

Referências Bibliográficas

- BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Cláudio Simon. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicol. Esc. Educ.* Maringá, v. 16, n. 1, jun. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1413-85572012000100004&ing=pt&nrm=iso. Acessado em: 26 jun. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-8587201200010004>.
- CALIMAM, Geraldo. Estudantes em situação de risco e prevenção. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.* Rio de Janeiro, v. 14, n. 52, set. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0104-40362006000300007&ing=pt&nrm=isso. Acessado em: 26 jun. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40362006000300007>.
- MENDES, Carla Silva. Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. *Rev. esc; enferm. USP*, São Paulo, v. 45, n. 3, jun. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0080-62342011000300005&ing=pt&nrm=iso. Acessado em: 26 jun. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/s0080-62342011000300005>.
- LOPES NETO, Aramis A. *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*. J. Pediatr. (Rio J.) [online]. 2005, vol.81, n.5, suppl., p.164-172. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>. Acessado em: 26/06/2013.
- SILVA, Ana Beatriz B. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 188p.